

delicadas *Lilith*, de dimensões também mais reduzidas. As cinzas que recobrem a superfície destituída de cor, junto à espécie de flutuação dos vestidos, fazem o olhar oscilar entre um espaço etéreo e a superfície material. Ainda segundo o mesmo procedimento, há outra série de trabalhos, entre os quais o intrigante *Os Argonautas*, em que a referência espacial da foto é quase indeterminada.

Um outro conjunto de trabalhos "leves" tem como suporte, paradoxalmente, folhas de chumbo, sobre as quais são coladas plantas secas, fotografias ou outros elementos. Essa base de chumbo, de uma presença estranha, expulsa o olhar do dentro da obra, sem no entanto lhe tirar a delicadeza. Nestes, não há nem sinal de profundidade, qualquer investida para dentro esbarra no anteparo opaco, devolvendo o olhar para o espaço do espectador.

O chumbo também aparece no trabalho *Mulheres da Revolução*, uma instalação com camas de ferro cobertas com mantas desse metal. Kiefer foi aluno de Joseph Beuys, e isso pode dar uma chave para entender a relação que ele estabelece com os materiais. Como em Beuys, cada material vem impregnado com múltiplos significados. Além disso, entretanto, eles funcionam plasticamente com autonomia. Em ambos as soluções formais acrescentam-se aos sentidos dos materiais e dão uma carga comovente aos trabalhos. Quando Kiefer usa por exemplo o chumbo, além dos vários significados desse metal - na alquimia, nos rituais folclóricos, nos mitos antigos - e sua pertinência aos temas tratados, o material também aparece e funciona como elemento estético, com suas tonalidades cinzas, com peso e maleabilidade a um só tempo e com a propriedade de afirmar a opacidade do plano.

Datada de 1998, a gigantesca tela *A vida secreta das plantas vista de longe* lembra um *drumming* de Pollock. De perto, o que se vê é um campo de atuação mais organizado mas não menos trabalhado. Sobre uma pintura em branco e preto que descreve imensos ramos de girassol, feita com tinta grossa e craquelada, estão espalhadas sementes da mesma planta, formando como que constelações em preto sobre o fundo esbranquiçado. Tudo aí, desde o "fundo" branco encorpado, salta para fora do quadro. Embora em preto e branco, e sem perspectiva, esses girassóis pintados em fatura revolvida levam a pensar novamente em Van Gogh.

A exposição inclui também, além de outras pinturas, vários livros que, infelizmente e por razões compreensíveis, não podem ser folheados. A maioria traz fotografias recobertas com palavras manuscritas e colagem de areia e argila ou, num deles, sementes. As páginas em que estão abertos nos deixam entrever relações poéticas diretas com os quadros.

A obra de Kiefer acumula múltiplos registros de compreensão, o que lhe dá uma espessura quase exoativa. A liberdade com que ele adota a perspectiva ou temas caros à academia do século XIX e circula entre eles sem preocupação cronológica, como agrupa no mesmo suporte materiais tão distintos e até incorpora palavras manuscritas, a maneira como agencia artisticamente esses elementos, tudo isso se efetua, conforme observado no texto por Tassinari, segundo a noção de destruir para regenerar. De sua obra ressoa então uma intensa densidade temporal, mas sem nostalgia. As camadas e mais camadas de memória de que se constituem os trabalhos resultam na obra pronta, numa atualidade inegável, de forte presença plástica.

FIM

PARA: IOLE DE FREITAS

TEL: 512-6422

(FAVOR AVISAR)

DE: CÉLIA EUVALDO

AS 2 PÁGINAS ENVIADAS SEPARADAMENTE SÃO PARA ESTA PESSOA. (A QUE TEM O TÍTULO "ANSELM KIEFER"), E A QUE TEM A PALAVRA "FIM" NO FINAL)